

inexpertis “Doce é a guerra para os que a não conhecem”, ambos publicados a título póstumo em *Viridarium sacrae et profanae eruditionis...* (Lyon, 1635).

“Um poema latino do Padre Baltasar Teles, S. J. (1595-1675)”, pp. 359-374, centra-se na edição, tradução e comentário de um poema laudatório da autoria deste jesuíta publicado nos *Anales de Flandes* de Manuel Soeiro (Antuérpia, 1624).

O volume encerra com o capítulo “O P. Cosme de Magalhães, S. J. (1551-1624): uma introdução geral e alguns textos”, pp. 375-451, no qual se faz uma síntese biobibliográfica deste jesuíta bracarense assente nas suas facetas de jurista-teólogo, tradutor, pedagogo, exegeta bíblico, acompanhada de uma representativa amostra de textos em prosa e verso.

É, pois, com muito agrado que saudamos a publicação do primeiro tomo (de um total de dois) desta monumental antologia, através da qual António Guimarães Pinto traz à luz um conjunto assaz representativo da extraordinária produção novilatina dos jesuítas portugueses de Quinhentos, tanto em prosa como sobretudo em poesia, através de uma cuidada edição e tradução dos originais manuscritos e impressos legados pelos membros da Companhia de Jesus.

Natalia Maillard Álvarez & Manuel F. Fernández Chaves (eds.), *Bibliotecas de la Monarquía Hispánica*. Zaragoza, Prensas de la Universidad de Zaragoza, 2021, 1 vol., 214 pp. (Série da revista *Titivillus:...In culpa est*, n.º 10) [ISBN: 978-84-1340-346-5].

ANTÓNIO M. L. ANDRADE² (*Centro de Línguas, Literaturas e Culturas, Universidade de Aveiro – Portugal*)

O livro em epígrafe reúne seis estudos de grande interesse sobre bibliotecas particulares existentes no tempo e no espaço alargado da monarquia hispânica (séculos XVI a XVIII). Todos os capítulos assentam na análise criteriosa de fontes documentais que, em razão de circunstâncias diversas, frequentemente da própria morte dos proprietários, nos fornecem inventários dessas bibliotecas com a relação do acervo, acompanhada por vezes da própria avaliação dos livros e manuscritos nelas existentes. Deste modo, os estudos que inte-

² <https://doi.org/10.34624/agora.v24i0.28036>; aandrade@ua.pt.

gram o presente volume abordam não só múltiplas questões associadas a cada coleção, desde a transcrição e identificação dos títulos inventariados à análise dos interesses de cada proprietário ou usuário (entre os quais se contam médicos, mercadores, frades e burocratas), como também permitem equacionar, sob ângulos diversos e numa perspetiva comparada, a circulação e comércio do livro ou as diversas tendências que se vão definindo, desde o Renascimento até ao Barroco, no espaço transcontinental da monarquia hispânica.

O volume principia com uma reflexão introdutória da autoria dos dois editores (“Introducción”, pp. 9-15), alicerçada no domínio inequívoco da bibliografia mais relevante sobre a temática em apreço, na qual traçam com clareza as linhas mestras que presidiram à conceção e preparação deste livro.

O primeiro capítulo (“Lecturas de un mercader e tratante de esclavos: Francisco Núñez Pérez (1573)”, pp. 17-62), igualmente da autoria conjunta dos editores do livro, Natalia Maillard Álvarez e Manuel F. Fernández Chaves, apresenta um estudo aprofundado e minucioso sobre o inventário dos 118 volumes da biblioteca de Francisco Núñez Pérez, um importante mercador sevilhano, com ligações privilegiadas, tanto com Portugal e com a Flandres, como com o Novo Mundo. Assinala-se a presença nesta biblioteca de livros de temáticas, origens e línguas diversas, que espelham a curiosidade e os interesses do proprietário. Entre os livros de imprensa portuguesa, figura no inventário, nos “Libros en Cuarto”, sob o número 53, um “Yten doscientos y quatro mrs por el Determinado y por el segundo cerco de Diu”, que os autores identificaram com o *Sucesso do segundo cerco de Diu* de Jerónimo Corte Real (Lisboa, António Gonçalves, 1574), não obstante notarem que, a ser assim, a inclusão desta obra na biblioteca terá ocorrido em data tardia, entre a morte de Francisco Núñez Pérez e a redação do inventário. Indicam, também, como outra identificação possível, o *Livro primeiro do cerco de Diu* de Lopo de Sousa Coutinho (Coimbra, João Álvares, 1556), o que parece pouco provável, por ser in-folio. Atrevemo-nos a acrescentar, neste caso, uma terceira possibilidade, coincidente no formato in-quarto, no tema e no arco temporal da vida do dono da biblioteca, ou seja, a obra do humanista Diogo de Teive publicada dois anos após o segundo cerco de Diu, sob o título *Comentarius de rebus in India apud Dium gestis anno salutis nostrae MDXLVI* (Coimbra, João Álvares e João de Barreira, 1548).

Em segundo lugar, encontra-se o estudo notável de James W. Nelson Nova sobre o inventário inédito da biblioteca de Gabriel da Fonseca (1586?-1668), médico português de origem cristã-nova, cuja vida decorreu, em larga medida, na Cidade Eterna, onde alcançou grande fama como professor de medicina na *Sapienza* por mais de duas décadas, além de ter sido médico pessoal de um papa e de dois conclaves. Neste capítulo, publica-se a transcrição integral do inventário *post mortem* da impressionante biblioteca de Gabriel da Fonseca, precedido de uma esclarecedora contextualização sobre a vida e obra do proprietário e de uma análise global do acervo de livros e manuscritos da biblioteca, organizada sob os seguintes títulos: “Libros médicos”, “Otros saberes”, “Textos de autores ibéricos”, “Textos literários” e “Textos legales”. Naturalmente, a biblioteca de Gabriel da Fonseca, por ser médico de formação e de profissão, abunda em livros no âmbito da medicina e da farmácia, sendo uma excelente montra das obras mais representativas tanto dos autores clássicos e medievais, como dos contemporâneos. De facto, como o autor do estudo refere, não podiam faltar as obras dos principais médicos portugueses (Amato Lusitano, António Luís, Tomás Rodrigues da Veiga, Rodrigo de Castro, Filipe Montalto, Estêvão Rodrigues de Castro, Zacuto Lusitano e Rodrigo da Fonseca), que partilham, todos eles, a origem portuguesa e a ascendência hebraica com o proprietário da biblioteca. Porém, além destes, vislumbrámos no inventário mais algumas obras de médicos lusitanos, quase todos cristãos-novos e contemporâneos de Gabriel da Fonseca, que devem ser acrescentadas a este grupo notável. Refira-se, em particular, o tratado de Garcia Lopes, médico de Portalegre, publicado em Antuérpia, nos prelos da viúva de Martinus Nutius, em 1564 (“Lopii, *De Varia Medicinae lectiones*”) e o comentário galénico sobre flebotomia de Jerónimo Nunes Ramires, parente de Filipe Montalto, publicado em Lisboa, por Pedro Craesbeeck, em 1608 (“Nunii, *De ratione curandi per sanguinis missionem*”). É de sublinhar, ainda, a eventual existência de alguns manuscritos na biblioteca, um da autoria de Tomás Rodrigues da Veiga (“*Commentarii in aphorismos Hippocratis*”), de que se não conhece impressão alguma, outro de Cristóvão da Costa (“*De Lapide bechaartico*”), o qual deve ser incluído entre os médicos portugueses, que corresponde, quiçá, a uma versão latina do capítulo XXII do *Tractado de las drogas y medicinas de las Indias orientales* (Burgos, 1578), dedicado à pedra bezoar.

A biblioteca de Miguel Jordán de Ursino, médico em Santiago do Chile na primeira metade do século XVIII, apresenta-se aos olhos do leitor através do estudo meticoloso de Mariana Labarca Pinto (“La biblioteca del bachiller Miguel Jordán de Ursino: Medicina y cultura impresa en el Chile de la primera mitad del siglo XVIII”, pp. 93-124) sobre o inventário dos 77 livros deste médico de origem sevilhana, realizado em 1746. Publica-se integralmente o inventário dos livros da sua biblioteca, precedido de uma análise dos itens agrupados segundo um critério temático (“Cirugía”, “Libros «útiles» para la práctica médica”, “Farmacopeas”, “Literatura polémica sobre controversias médicas”, “Libros de discusión filosófico-científica” e “Devocionales y de religión”), que não deixa dúvidas sobre os interesses do proprietário, dado que uma parte significativa do acervo se integra nas áreas da medicina, cirurgia e farmácia, permitindo “observar el universo cultural de un practicante de la medicina en Chile y su aceso a la cultura médica impresa”.

O capítulo seguinte, da autoria de Idalia García Aguilar, (“Los libros de aquél que se atrevió discernir: el burócrata Domingo Valcárcel”, pp. 125-146) está dedicado ao estudo do inventário da biblioteca de Domingo Valcárcel, que ocupou lugares destacados na administração da Nueva España no século XVIII. A relação da sua rica biblioteca, mandada fazer em cumprimento do procedimento inquisitorial que obrigava à entrega de uma relação de livros de um defunto para taxaço, contempla 448 registos: 246 edições do século XVIII, 168 do XVII e 30 do XVI. Naturalmente, abunda nesta coleção a literatura jurídica, cujos principais autores e títulos são objeto de análise nesta pesquisa.

De seguida, Rafael M. Pérez García propõe-nos uma viagem através do inventário dos livros de uma biblioteca conventual em meados do século XVII (“El convento de los Cinco Mártires de Marruecos de Belalcázar y su biblioteca hacia 1646”, pp. 147-193). Esta relação contém, mais propriamente, o inventário dos 153 títulos de autores franciscanos existentes nesta biblioteca conventual da vila de Belalcázar, à data da redação do *Memorial* de 1646, cuja transcrição integral é publicada na parte final do capítulo. A análise do acervo é realizada com base em “Materias, títulos y lenguas” e “Impresiones y formatos”, permitindo uma aproximação a uma biblioteca de contornos e natureza bem diferentes das que são perspectivadas nos restantes trabalhos deste volume.

Por último, Agnes Gehbald propõe-nos uma abordagem distinta, centrada no estudo da difusão de duas obras matriciais de Elio Antonio de Nebrija, durante o século XVIII, no Peru (“Nebrija en el Perú: la preponderancia del Arte y Vocabulario durante el siglo XVIII”, pp. 195-214). Este estudo centra-se sobretudo na comercialização e receção da obra do célebre humanista espanhol no Peru, mormente da gramática e do dicionário, com particular ênfase “en la presencia y preponderancia del autor en las ediciones y bibliotecas locales a través de un análisis del mercado y de la historia material de los libros”, o que se consubstancia nos seguintes tópicos: “Nebrija y América”, “Las ediciones nebrisenses importadas y locales”, “La circulación y venta de libros en el Perú” e “Nebrija en las bibliotecas particulares del Perú”.

Em suma, saudamos, com muito agrado, a publicação deste livro que reúne um conjunto valioso de estudos, sob a chancela das Prensas de la Universidad de Zaragoza, na série monográfica da revista *Titivillus (...in culpa est*, n.º 10), na certeza de que os seus editores e autores deram um contributo inestimável para o conhecimento da relação do indivíduo com os livros na Monarquia Hispânica “a través del estudio de varias colecciones cuyos dueños y usuarios, entre los cuales se cuentan médicos, mercaderes, frailes y burocratas, representaron los usos y maneras del consumo cultural en esse complejo entramado político, extendido por varios continentes”.

Luis Unceta Gómez, Carmen González Vásquez, Rosario López Gregoris & Antonio María Martín Rodríguez (eds.), *Amice benigneque honorem nostrum habes. Estudios lingüísticos en homenaje al profesor Benjamín García-Hernández*. Madrid, UAM Ediciones, 2021, 880 pp; ISBN: 978-84-8344-777-2.

EMÍLIA M. ROCHA DE OLIVEIRA³ (*Centro de Línguas, Literaturas e Culturas (CLLC-UA), Universidade de Aveiro — Portugal*)

Consiste este precioso volume, como indica o próprio título, numa justa homenagem de amigos, colegas e discípulos ao insigne Professor Benjamín García-Hernández, Catedrático Emérito, desde 2015, da Universidade Autónoma de Madrid e um dos latinistas espanhóis com maior projeção. Licenciado e doutorado em Filologia Clássica pela Universidade de Sala-

³ <https://doi.org/10.34624/agora.v24i0.28039>; emilia.oliveira@ua.pt.